

Além do princípio de Prazer: monismo ou dualismo pulsional?

'Beyond the Pleasure Principle': monism or dualism of the drives?

Eduardo Ribeiro da Fonseca*

Resumo: O problema com o qual nos defrontamos no presente texto é o da necessidade dos dualismos pulsionais freudianos, especialmente aquele apresentado em “Além do Princípio de Prazer”. Tal problema persiste como uma marca da *Überbau* metapsicológica freudiana e, do ponto de vista deste artigo, reivindica uma análise mais pormenorizada, no sentido de sabermos, afinal, se essa marca dualista das teorias se sustenta efetivamente, ou se, inadvertidamente, Freud possa ter criado condições para que ela pudesse ser questionada, e, nesse caso, de que modo e em que sentido.

Palavras-chave: Dualismo; Monismo; Impulso (*Trieb*); Metapsicologia; Libido; Modelo (teórico)

Abstract: The problem we face in this text is that of the need for Freudian drive dualisms, especially the one presented in “Beyond the Pleasure Principle”. This problem persists as a mark of the Freudian metapsychological *Überbau* and, from the point of view of this article, demands a more detailed analysis, in the sense of knowing, after all, whether this dualist mark of the theories is effectively sustained, or if, inadvertently, Freud may have created conditions for it to be questioned, and if so, in what way and in what sense.

Keywords: Dualism; Monism; Drive; Metapsychology; Libido; (Theoretic) model

Sobre a necessidade do dualismo na *Trieblehre*

O problema com o qual nos defrontamos no presente texto é o da necessidade teórica dos dualismos pulsionais freudianos, especialmente no que concerne àquele que se apresenta na obra “Além do Princípio de Prazer”, que completa cem anos e que procuro celebrar através dessa pequena reflexão. Tal questionamento do dualismo se dá justamente pela insistência com que Freud insiste nele, fazendo com que persista como uma marca da sua *Überbau* metapsicológica. Do ponto de vista deste artigo, tal insistência reivindica uma análise mais pormenorizada, no sentido de sabermos, afinal, se essa marca dualista das teorias se sustenta efetivamente, ou se, inadvertidamente, Freud possa ter criado talvez condições para que ela pudesse vir a ser questionada, e, nesse caso, perguntamo-nos de que modo e em que sentido poderíamos fazê-lo.

* Professor Adjunto de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, PR. E-mail: eduardorfonseca@uol.com.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4753-1864>

Entre 1905 e 1920 Sigmund Freud (1856-1939) publicou cerca de setenta e cinco títulos, os quais constituem uma unidade firmemente articulada em torno de um conceito fundamental: o conceito de *Trieb*¹. Através de seu conceito fundamental, *Grundbegriff*, a teoria da psicanálise de Freud formula um modelo de funcionamento psíquico, e, além disso, ela estabelece as bases fisiológicas do psiquismo, situando os fatores biológicos de nosso comportamento. A definição do conceito deve satisfazer às exigências da psicanálise, encontrando um termo intermediário entre elas e as definições puramente biológicas.

Essa é uma das razões pelas quais a doutrina do *Trieb* em Freud é marcada por mudanças importantes ao longo do tempo, que visam solucionar questões que ainda hoje não são pacíficas na psicanálise, como por exemplo, a da agressividade e destrutividade, a do narcisismo e a dos modos da energia que circula no organismo. Esses problemas estão no cerne das preocupações das duas teorias freudianas do *Trieb*, ambas dualistas. Num primeiro momento, o psicanalista vienense pensa na oposição entre libido e uma energia inespecífica ligada à conservação do organismo, de que resulta a oposição entre impulsos sexuais, *Sexualtriebe*, e impulsos de conservação, *Selbsterhaltungstriebe*, ou impulsos do Eu, *Ichtriebe*². No contexto dessa dualidade pulsional haveria também outra dualidade articulada em torno daquilo que é consciente e daquilo que é inconsciente. O nexos entre ambas as dualidades é a questão da sexualidade e de sua repressão.

Para Freud, a distinção entre aquilo que é consciente e o que é inconsciente está na base do pensamento psicanalítico: “A psicanálise não vê na consciência [*nicht ins Bewußtsein*] a essência do psíquico [*Wesen des Psychischen*], mas apenas uma qualidade do psíquico, que pode se somar a outras ou faltar em absoluto”³. Freud trabalhou com essa hipótese durante cerca de vinte anos, dentro daquilo que ficou conhecido como a sua *primeira tópica* do psiquismo, isto é, o pensamento sobre o que é o psíquico desde um ponto de vista sistemático. Este ponto de vista considera a divisão espacial entre um sistema consciente e outro inconsciente como um ponto de partida para a compreensão do funcionamento elementar do psiquismo humano. Tal abordagem permite a Freud pensar o conceito de aparelho anímico, *Seelischer Apparat*, entendendo-o como uma metáfora ou modelo do funcionamento do psiquismo. Portanto, tal modelo é algo que sustenta uma perspectiva teórica e não algo absolutamente necessário.

De acordo com esse modelo teórico da primeira tópica, uma primeira instância desse *Apparat*, o sistema percepção, *Wahrnehmungssysteme*, que também pode ser chamado consciente, *Bewußte*, avalia a efetividade e integra o psiquismo ao mundo externo, com vistas à orientação e conservação do organismo. A noção de consciência

¹ MEZAN, *Freud: A trama dos Conceitos*, 153.

² LAPLANCHE & PONTALIS, *Vocabulário da Psicanálise*, p. 526.

³ FREUD, *O Eu e o Isso*, 283.

puramente perceptiva aparece nessa descrição como alguma coisa atual e transitória, incapaz por si mesma de reter dados ou manter seu foco por muito tempo:

Uma representação consciente [*bewußte Vorstellung*] num momento dado não o é já no imediatamente ulterior, ainda que possa voltar a sê-lo sob condições dadas. Mas no intervalo teve que ser algo que ignoramos. Podemos dizer que era latente, significando com isso que era em todo momento desse intervalo capaz de consciência. Mas também quando dizemos que era inconsciente damos uma descrição correta⁴.

Deste modo, um primeiro sentido do termo *inconsciente* o define como uma memória disponível à consciência. Além da consciência como estado transitório de uma representação específica, temos, portanto, uma segunda e diversa instância, responsável pelo conteúdo latente da consciência, caindo sob esta rubrica o registro de representações primárias e a síntese de representações abstratas, além de pensamentos coerentes.

Tudo o que é retido da percepção como um traço do mundo real e, concomitantemente, capaz de aparecer livremente na tela da consciência, é chamado de pré-consciente, *vorbewußt*⁵. Laplanche parece fazer esta mesma leitura da primeira tópica de Freud. No entanto, exagera quando escreve que o psicanalista vienense relaciona a linguagem e, portanto, a concepção de realidade, exclusivamente ao pré-consciente⁶. Este, aliás, é o seu ponto de controvérsia em relação a Lacan. Entenda-se que a satisfação dos *Triebe* pode dispor de todas as representações pré-conscientes. Ou seja, apesar das representações terem um lugar, e estarem acessíveis à consciência, existe a conexão libidinal que orienta a utilização dessas representações. O que equivale a dizer, com Lacan, que o inconsciente apresenta uma *estrutura de linguagem* homóloga ao que entendemos por linguagem consciente⁷. A linguagem consciente resulta dos traços da reciprocidade e de sua fixação, mas se baseia também, por outro lado, nos mesmos deslocamentos e condensações, que, para Freud, formam a base da linguagem psíquica. Sobre os deslocamentos, sugere ter descoberto que através deles os *Triebe* podem mudar de objetivo. Essa plasticidade se transfere para o uso da linguagem, como no trabalho do sonho, quando as representações chamadas de restos diurnos são usadas em contextos diferentes dos originais. Quanto à condensação, é uma técnica de compressão de diferentes representações, como no caso das palavras compostas ou do sintoma histérico. Nesse sentido, um sintoma histérico principia apenas quando duas realizações de desejo

⁴ FREUD, *O Eu e o Isso*, 283.

⁵ Freud ao mesmo tempo transforma e se mantém fiel à linha de pensamento do *Projeto*, no qual se refere à “energia livremente flutuante” dos neurônios com função de percepção, e à “energia ligada” das áreas neuronais relacionadas à memória. A modificação ocorre pelo acréscimo dos pontos de vista descritivo e dinâmico, que complementam e se enraízam num pensamento econômico semelhante ao do *Projeto*.

⁶ LAPLANCHE, J. *O inconsciente e o Id*, 245.

⁷ LACAN, *A instância da letra no inconsciente*, 498.

opostas, cujas fontes se encontram em dois sistemas psíquicos diferentes, são capazes de combinar-se numa expressão única. Segundo Mezan, ao escrever sobre isto, o impulso histórico é “contrabalançado por uma formação reativa que se opõe a ele”⁸.

No entanto, a primeira teoria de Freud ainda não atende propriamente à necessidade de oferecer um lugar no psiquismo para os *Triebe* — há apenas a fonte orgânica, *Quelle*, que possibilita uma fisiologia do impulso, mas não privilegia a questão da topologia estrutural do psiquismo. Freud está mais preocupado em enfatizar o *Trieb* como ímpeto ou pressão, *Drang*. Além disso, ainda não se expressa, como fará depois, em termos de estruturas psíquicas.

Isso fica evidenciado no fato de que, além do consciente e do pré-consciente, Freud considera, nessa primeira teoria, apenas uma terceira instância que forma o inconsciente dinâmico: o recalçado, *die verdrängte*, que contém as representações inadmissíveis à consciência e que por isso sofreram a resistência, *Widerstand*⁹, que resulta em recalque, *Verdrängung*, e que significa, literalmente, “posto de lado”¹⁰: “O destino [*Schicksal*] de uma pulsão que acaba de brotar [*Triebregung*] pode ser encontrar, ao longo do seu percurso, resistências que queiram impedir sua ação”¹¹. A origem clínica do termo recalque provém da descoberta por Freud do fenômeno das resistências à hipnose e, mais tarde, das resistências ao tratamento psicanalítico. Nesse caso, as resistências impedem a livre associação entre representações dentro de uma cadeia significativa. Por serem representações inadmissíveis, pressupõe-se que sejam percepções em dado momento conscientes e que, por força da atividade de recalçamento, tenham sido impedidas de fazer parte do pré-consciente, pois, sob “circunstâncias especiais”, geram desprazer psíquico¹².

Num sentido descritivo, tanto o sistema pré-consciente quanto o recalçado aparecem como alternativas para uso do termo inconsciente. Porém, num sentido dinâmico apenas o recalçado seria inconsciente, pois seu conteúdo é verdadeiramente

⁸ MEZAN, *A Trama dos Conceitos*, 91.

⁹ Segundo Laplanche e Pontalis (*Vocabulário da Psicanálise*, 595.), “dá-se o nome de resistência a tudo o que, nos atos e palavras do analisando, se opõe ao acesso deste ao seu inconsciente”. É nesse mesmo sentido que Freud fala das “resistências à psicanálise” (1917-19), e de um “golpe narcísico” infligido por esta à cultura — representado pela revelação do inconsciente nas suas relações com a linguagem.

¹⁰ A expressão em alemão é “*Die Abweisung*”. Segundo Chemama e Vandermersch (*Dicionário de Psicanálise*, 328), distingue-se um segundo vocábulo utilizado por Freud: *Unterdrückung* (repressão), que se refere à *situação* do impulso ainda ativo, porém, sob recalque, isto é, reprimido em relação ao seu destino. Os autores evocam também os dois momentos lógicos do recalçamento: a) o *Urverdrängung*, ou *recalque originário*, no qual, pela primeira vez um representante do impulso vê rejeitado seu acesso à consciência, o que simultaneamente fixa o impulso a uma representação; b) o recalçamento propriamente dito, a partir da fixação do padrão originário. Devo mencionar também que a função do medo, *Angst*, em relação ao recalque se altera ao longo da obra de Freud. No artigo de 1915, o medo é *consequência*, mas, nas “Novas Conferências”, de 1933, torna-se uma das principais forças motoras do recalque.

¹¹ Freud, *Impulso e destinos de impulso*, 177.

¹² *Idem*.

mantido à margem da consciência, enquanto que o pré-consciente é passível de consciência a qualquer momento, pois não provoca resistência ou repúdio significativo. Nesse contexto, a consciência pode então ser compreendida como alguma coisa restrita dentro de um psiquismo mais amplo que a engloba e define os seus limites; ela funciona de modo coerente, porém arbitrário, admitindo apenas recortes da efetividade que unifiquem a percepção e que resultem numa totalidade coerente de um ponto de vista topológico e temporal.

Um ponto de inflexão na *Trieblehre*

A passagem para a segunda teoria dualista passa por um estágio involuntariamente monista, quando Freud introduz o conceito de narcisismo. Nesse caso, a autoconservação parece a Freud poder ser reconduzida ao amor de si mesmo, isto é, à libido do Eu. Mas, também o postulado do impulso de morte apresenta um momento monista. Em 1920, o psicanalista pensa em dois modos de articulação e atuação da libido, vida e morte, de que resulta a oposição entre impulsos de vida, *Lebenstriebe*, e impulsos de morte, *Todestriebe*. Inicialmente, a distinção entre fome e amor parece a Freud carregada de importância, mediante o foco da teoria no conflito entre as exigências da sexualidade e as da necessidade ou autoconservação, também ligadas à distinção entre as noções de inconsciente e de consciente. Mais tarde, há uma reviravolta significativa e uma nova dualidade é constituída, reunindo conservação e sexualidade sob a rubrica do impulso à vida e incluindo uma novidade repleta de significado e de novas exigências e implicações teóricas, o controverso impulso à morte. Segundo Mezan, o texto de Além do Princípio de Prazer afirma “o caráter transcendental da pulsão (*Trieb*) de morte”, uma vez que “nenhum sistema específico tem a seu cargo a efetivação dessa finalidade pulsional: trata-se do fundamento dos outros fenômenos, e não mais um entre eles”¹³.

Assoun, em contrapartida, sugere que Freud precisou se defrontar com a tese monista junguiana de 1910 acerca da libido, que fazia referência ao vitalismo. Tal questão permaneceu sob júdice, portanto, por quase dez anos. Ao final desse tempo, Freud reafirma a exigência dualista sob um prisma novo. A oposição não era mais como antes entre a libido, os *Triebe* sexuais e um domínio exterior à libido, os *Triebe* de conservação, mas sim entre os dois modos opostos da libido: “a) A afirmação da libido sob forma das pulsões de vida; b) Outra forma da libido, simétrica à precedente, mas que, paradoxalmente, visa a certo prazer, a um além do princípio de prazer (como o atesta a compulsão à repetição): são as pulsões de morte”¹⁴, cuja função é negar e desunir aquilo que *Eros* uniu, em suma, destruir. É, de fato, um querer-morrer, como uma polaridade oposta ao querer-viver, que pode aparecer isoladamente na forma, por exemplo, de

¹³ MEZAN, *Freud: A trama dos Conceitos*, 262.

¹⁴ ASSOUN, *Freud: A filosofia e os filósofos*, 189.

agressividade, mas na maior parte das vezes aparece já amalgamada aos processos vitais: Todas as moções dos *Triebe* constituiriam tais uniões ou alianças dos dois tipos fundamentais de *Triebe*. Desse modo Freud preserva o seu dualismo em outros termos, incorporando a ele uma dimensão schopenhaueriana, a do retorno ao inorgânico, que é parte indissociável da sua metafísica da natureza. Mas, Freud adota uma concepção distinta do ponto de vista do conflito entre impulsos a um só tempo antagônicos, mas também funcionando amalgamados, pois o impulso de morte é considerado o mais originário, enquanto em Schopenhauer o conflito entre as tendências de impulsos é uma autodiscórdia interna ao monista *blinder Drang* originário, mais originário que o próprio fenômeno através do qual se manifesta, que está inteiro em cada uma de suas manifestações, a *vontade de viver* (ou *querer-viver*), a qual pode ser compreendida como uma espécie de *élan vital* no sentido bergsonianiano. De qualquer modo, em ambos os autores há um forte acento na *destrutividade*, pois esse querer-viver schopenhaueriano, exatamente por estar inteiro em cada coisa, em permanente afirmação, como que crava as garras na própria carne, já que a afirmação do mesmo impulso de todo impulso produz a autodiscórdia do querer no âmbito da experiência, que é também o âmbito da pluralidade.

A proximidade é testemunhada por Freud, já que para ele, Schopenhauer surge como interlocutor privilegiado no campo filosófico. Cito Freud: “Para a minha velhice escolhi o tema da morte. Defrontei-me com uma noção notável baseada em minha teoria dos impulsos [*Triebe*] e agora preciso ler todo tipo de coisa a ela pertinente, por exemplo, Schopenhauer, pela primeira vez. Mas não o leio com prazer”¹⁵.

Esse desprazer é interessante, pois Freud se refere com entusiasmo a Schopenhauer em outros momentos. A questão parece estar ligada a dois fatores: a) Às dificuldades alegadas pelo Psicanalista em relação à sua inaptidão para a filosofia e ao vínculo com ela; b) Ao tema da morte, pois, nesse momento, Freud já passou por perdas pessoais importantes e por uma Grande Guerra. De fato, temos aí a evocação do esforço que Freud associa a toda leitura filosófica, mas também do caráter doloroso das teses descobertas.

É evidente que o que vemos em *Além do princípio de prazer* não se situa mais na ordem da simples confirmação de teses, de empréstimos técnicos, ou da menção ocasional aos temas “duramente conquistados” pela psicanálise. Trata-se de uma opção generalizada por um modo de reorganização do campo teórico¹⁶. A consequência prática desse movimento abrangente envolvendo psicanálise e filosofia é a substituição do dualismo entre sexualidade e conservação, e a adoção do dualismo vida, *Eros*, e morte, *Tânatos*, ou, dito de modo equivalente, a divisão da *força* da libido entre *Trieb de vida* e *Trieb de morte*. Nessa concepção, o *Trieb* de morte, antes sequer considerado, torna-se *Trieb* originário, pois Freud retoma a tese schopenhaueriana do conflito entre os graus superiores e

¹⁵ FREUD, *Freud/Lou Andreas-Salomé— correspondência completa, carta de 25. VIII.1919*, 133.

¹⁶ ASSOUN, *Freud: A filosofia e os filósofos*, 185.

inferiores de objetivação da Vontade. Trata-se da referência às forças inorgânicas, que aparecem nos organismos superiores escravizadas às forças orgânicas: “A hipótese do conflito explica a tendência da Vontade para graus superiores de objetivação. Ao mesmo tempo a resistência das formas vencidas indica a perpetuação do combate e o caráter provisório da vitória”. No organismo humano, grau mais elevado da objetivação da Vontade, “os graus inferiores continuam atuantes, já que têm direitos anteriores à mesma matéria”. Nesse sentido, a saúde e a doença expressam no organismo a mesma desunião da Vontade que está expressa na multiplicidade do mundo fenomênico, sob uma aparente harmonia de plano¹⁷.

Em *Além do princípio de prazer* tudo se passa como se a menção a Schopenhauer fosse uma espécie de digressão em meio a outras referências que aparecem de acordo com os movimentos do texto, fazendo o papel de simples confirmação das teses da psicanálise na obra de um filósofo:

Devemos ousar identificar nessas duas orientações dos processos vitais [processos assimilatório/construtivo e dessimilatório/destrutivo] as duas moções pulsionais, as pulsões [*Triebe*] de vida e as pulsões de morte? Mas há outra coisa que não podemos ignorar: sem percebermos, aportamos na filosofia de Schopenhauer, para quem a morte seria “o resultado propriamente dito” da vida e, neste sentido, sua finalidade, enquanto a pulsão sexual [*Sexualtrieb*] seria a encarnação da vontade de viver¹⁸.

Freud parece se abrir à filosofia através de um pequeno comentário, para depois retomar seu rumo próprio e sua própria palavra. A referência à metafísica de Schopenhauer fornece a formulação que permite enunciar a tese metapsicológica de modo sintético e como que corroborando o que Freud diz a partir da autoridade do filósofo. A tese metafísica não tem propriamente valor de prova forte no texto, mas de ilustração, como que fornecendo outro rosto para o que está sendo visto e elaborado em *Além*.

Nesse contexto de 1920, não parecia mais possível a Freud ordenar toda a série de fatos psíquicos observáveis com regularidade meramente a partir do princípio de prazer. O ponto de vista da libido implícito no conceito de princípio de prazer não é abandonado, mas é reposicionado em função de sua insuficiência, o que levou o psicanalista a considerar o que estaria “além” (*jenseits*) desse princípio. Isso ocorre na medida em que a posição masoquista do ser humano frente ao próprio sofrimento parece implicar na consideração de um mecanismo autônomo e repetitivo observado durante os tratamentos psicanalíticos.

A hipótese encontrada por Freud refere-se à tendência primitiva de regresso a uma ordem de funcionamento psíquico anterior à do narcisismo e da satisfação ligada a objetos

¹⁷ CACCIOLA, *Schopenhauer e a questão do dogmatismo*, 65-6.

¹⁸ FREUD, *Além do Princípio de Prazer*, 259.

de prazer. Se a lógica interna à libido já é em si mesma fortemente regressiva, pois diante de todo obstáculo encontrado ao seu desenvolvimento ela retorna aos modos anteriores de funcionamento e satisfação, o processo vital é visto, em seu âmago, como uma especialização peculiar do mundo orgânico frente ao inorgânico. Do ponto de vista dos impulsos, apenas a sublimação escapa parcialmente dessa ordem regressiva que a engloba, pois garante o desdobramento de possibilidades, já que não está excessivamente vinculada a um único objeto específico de desejo e permite a sua ramificação em outros objetos, o que acrescenta novos caminhos aos já percorridos anteriormente pelos organismos humanos.

Essa é a situação a que chega a teoria dos impulsos quando, em 1919, ele está escrevendo sobre o tema da morte e, segundo ele, por falta de antecedentes teóricos, finalmente se debruça seriamente sobre a obra de Schopenhauer¹⁹.

Ao fundo do Princípio de Prazer

Desse encontro tardio, surgem as assim chamadas “especulações” sobre a compulsão à repetição e sobre o impulso de morte²⁰. A definição de impulso nesse momento da obra Freud acentua o caráter biológico e histórico que determina o funcionamento da vida a partir da matéria inorgânica (*unbelebter Materie*). O impulso “é um ímpeto” (*Drang*) interno ao organismo que visa a “restabelecer um estado anterior”

¹⁹ FREUD, *Além do princípio de prazer*, 259.

²⁰ Segundo nota de Strachey à Edição Standard, mencionada também por Ballesteros na edição espanhola das obras de Freud, isto ocorre pela primeira vez em 1914, no texto *Recordar (Erinnern), Repetir (Wiederholen) e Elaborar (Durcharbeiten)*, quando Freud comenta os problemas de manejo clínico ligados à memória sob recalque. No texto, Freud escreve que ao analisando não recorda propriamente os conteúdos recalcados, mas de fato o faz, de certo modo, através da sua atuação peculiar. A atuação é como uma mensagem criptografada. A memória é reproduzida não como lembrança, mas em ato. O paciente repete, sem consciência de que o ato é como um hieróglifo de sua história de vida. É uma maneira involuntária de fazer ressurgir a memória do recalcado, ainda que de modo cifrado, à maneira do trabalho do sonho, dos sintomas, do chiste. Assim, o paciente de Freud não sabe nem “que” nem “o que” está repetindo e começará seu tratamento por uma repetição deste tipo: “Enquanto o paciente se acha em tratamento, não pode fugir a esta compulsão à repetição (Segundo Strachey, em suas famosas notas, e também na edição López-Ballesteros, esta é a primeira aparição do termo na obra de Freud); e, no final, compreendemos que esta é a sua maneira de recordar” (FREUD, S. BN, II, *Recordar, repetir e, elaborar* [1914], p. 1685). Quanto maior a resistência, mais extensivamente a atuação ou repetição substituirá o recordar. O paciente retira do arsenal do passado as armas com que se defende contra o progresso do tratamento (FREUD, S. BN, II, *Recordar, repetir e elaborar* (1914), p. 1685). Em outro texto, *O Estranho*, Freud menciona que a divisão do eu no processo de defesa implica, para que possa haver intercâmbio dos conteúdos inconscientes com a consciência, que haja um “retorno constante do semelhante — a repetição dos mesmos traços faciais, características, destinos, atos criminais, ou até dos mesmos nomes em várias gerações sucessivas.” (BN, III [1919], p.2493.)

abandonado pela linhagem de organismos devido à influência de forças perturbadoras externas de magnitude inimaginável²¹. Trata-se, portanto, de uma “elasticidade” inercial, o que expõe a natureza conservadora da vida, ao contrário do que se imagina. A gênese do impulso é descrita como uma tensão em relação à qual a matéria (*Stoff*) até então inorgânica procurou desmanchar, para poder retornar ao seu estado original: “Assim nasceu a primeira pulsão (*Trieb*), a pulsão de retornar ao estado inanimado” (*Trieb zum Leblosen zurückzukehren*)²². A partir dessa situação inicial e pela continuidade da ação das forças externas os organismos continuaram a se modificar, através de avanços e retrocessos adaptativos dos quais fazem parte o surgimento dos impulsos sexuais e de conservação, assim como também a consciência humana. Desse modo, Freud situa as condições de gênese e especialização dos impulsos a partir da ordem regressiva fundamental.

Essa ordem regressiva do impulso aparece primeiramente associada à noção de compulsão à repetição: “A atividade psíquica inconsciente é dominada por um automatismo ou impulso de repetição (repetição compulsiva), inerente, que é com toda probabilidade a essência mesma dos impulsos, capaz de poderio suficiente para sobrepor-se ao princípio de prazer”²³ — uma compulsão suficientemente forte para prevalecer sobre o princípio de prazer, emprestando a determinados aspectos da mente o seu “caráter demoníaco”. Isso leva Freud à conclusão de que a compulsão à repetição é percebida como algo estranho ao psiquismo e não próprio dele e por isso inspira algum temor, grande ou pequeno. No entanto, trata-se apenas do ímpeto fisiológico dos impulsos²⁴.

O aspecto *elástico* do impulso é o que permitirá distinguir uma nova dualidade frente à característica regressiva universal que parece conduzir a teoria ao monismo do impulso de morte: “É como se houvesse um ritmo alternante [*Zauderrhythmus*] na vida dos organismos”. O grupo dos impulsos de morte “precipita-se à frente, a fim de alcançar o mais breve possível o objetivo final da vida [*Endziel des Lebens*]”. O grupo dos impulsos de vida, após chegar a um determinado ponto de sua trajetória, “apressa-se a voltar para trás, a fim de retomar esse mesmo percurso a partir de um certo ponto e assim prolongar a

²¹ FREUD, *Além do Princípio de Prazer*, 246.

²² FREUD, *Além do Princípio de Prazer*, 248.

²³ FREUD, *Além do Princípio de Prazer*, 250.

²⁴ Em *Inibição, sintoma, e medo (Angst)*, de 1923, Freud diz que os neuróticos obsessivos se ligam a atividades específicas (que depois seriam levadas a efeito quase *automaticamente*) como “ir dormir, lavar-se, vestir-se e andar de um lado para o outro; e também tendem à repetição e ao desperdício de tempo”. Até aquele momento não está de modo algum claro para Freud por que isto ocorre dessa maneira, mas pensa que há correlação com a sublimação de impulsos ligados ao erotismo anal, isto é, uma forma de lidar com os impulsos homossexuais infantis. É também nesse sentido que corre a descrição da análise do “homem dos ratos” (1909), o que evidencia a persistência dessa questão ao longo de 15 anos. Na *Conferência XXXII, Angústia (Angst) e vida de impulso*, de 1933, a geração da angústia é correlata de uma “repetição” de antigas experiências traumáticas.

duração do trajeto”²⁵. A conclusão de Freud é a de que, a partir daquele momento originário em que a substância inorgânica adquire essa tensão peculiar à vida, o dualismo tenha se estabelecido e os impulsos de vida tenham entrado em ação, “ainda que no início da vida não tenha existido uma sexualidade e tampouco a diferença entre os sexos”²⁶.

Em Freud, o corpo é não somente a fonte dos impulsos, *Triebquelle*, cuja principal propriedade é a sua força constante, mas é também a origem da tendência regressiva ou conservadora dos impulsos que os impele a alcançar um fim antigo por caminhos tanto conhecidos quanto novos. Esse fim último de toda existência orgânica é indicado, essencialmente, como a tendência de retorno ao inorgânico. Os impulsos que visam a morte, visíveis na compulsão à repetição e na agressividade, buscam o fim antigo diretamente, enquanto seus derivados mais recentes lidam com o problema da vida, tentando conduzir o organismo ao estado inorgânico apenas após os longos rodeios da existência individual.

É nesse sentido que os sacerdotes da vida acabam fazendo parte do séquito da morte, especialmente se pensarmos para além da vida individual e abrangermos também o ser da própria Humanidade. Se a tendência é o retorno ao inorgânico, vemos o ciclo entre vida e morte se completar devido ao privilégio do primeiro ocupante, como no âmbito da metafísica da natureza de Schopenhauer. Isso, naturalmente, pode ser questionado no que concerne ao dualismo, pois, na dobra da teoria, em um de seus planos, haveria um impulso mais originário ainda, aquele que estaria ao fundo do dualismo e explicaria o próprio dualismo a partir de um monismo essencial a todo *Trieb*, na medida em que tudo o que é da ordem pulsional é reconduzido ao inorgânico, algo que estaria então além, mas também ao fundo dessa ordem característica aos impulsos.

Em busca de algo originário

Ao descrever aspectos básicos do conceito de impulso no âmbito individual, não se deve esquecer, como foi visto acima, que a vida inconsciente ultrapassa em muito o sentido do indivíduo e até mesmo o sentido da vida orgânica. Do ponto de vista de Freud, o impulso é uma força poderosa, radical, indeterminada, atemporal, arcaica, avaliativa e própria não só dos organismos complexos, mas do conjunto integral da natureza. O registro do impulso vai além do indivíduo e de sua espécie e, portanto, adquire uma conotação metafísica. Ainda que esta ampliação do conceito escape aos domínios próprios da psicanálise, é sempre considerada pelo psicanalista vienense:

²⁵ FREUD, *Além do Princípio de Prazer*, 250.

²⁶ FREUD, *Além do Princípio de Prazer*, 251.

A teoria dos impulsos (*Trieblehre*) é, por assim dizer, nossa mitologia. Os impulsos são seres míticos, magníficos em sua indefinição. Em nosso trabalho, não podemos desprezá-los, nem por um só momento, uma vez que nunca estamos seguros de os estarmos vendo claramente. (...) Sempre se nos impôs a suspeita de que, por trás de todos os numerosos impulsos se esconda algo sério e grandioso, de que gostaríamos de nos aproximar com cautela²⁷.

Freud sempre tentou encontrar, por trás das definições parciais dos numerosos impulsos, aqueles que fossem irreduzíveis e fundamentais. É a isso que ele se refere como algo “sério e grandioso”, dando origem às suas definições tópicas. As suas formulações gerais articulam modelos dualistas de impulsos fundamentais (justificados a partir da noção clínica de conflito entre forças opostas dentro do psiquismo), a partir dos quais todos os outros impulsos derivados se articulam. Como foi visto, na segunda teoria pulsional de 1920, o psicanalista conservou o dualismo anterior articulado sob o primado de duas forças consideradas por ele como originárias, sendo a morte, representante do inorgânico, a mais originária de todas, sobre a qual teria se articulado a vida orgânica.

Nesse ponto da teoria, torna-se mais evidente a acentuação do vínculo orgânico do psiquismo, do qual o humano é apenas um caso particular. Isso fica claro na sua definição do impulso de morte que, contraposto à vontade de viver do organismo, tem o objetivo de conduzir a inquietação da vida para a estabilidade do estado inorgânico:

²⁷Uma abordagem epistemológica do mesmo tema está em FULGENCIO, L. *Kant e as especulações metapsicológicas em Freud*. Ali, Fulgêncio escreve que, “ao analisar a história da física, Mach pôde reconhecer que esta se apoiou em conceitos que são um tipo de mito: a física aristotélica, com a consideração dos quatro elementos que comporiam a natureza, e a física newtoniana, com a suposição de que existem forças que impulsionam a natureza. Para ele, o conceito de força que revolucionou a física após Newton, não é dado empiricamente, mas deve ser tomado apenas como um nome para a ‘circunstância que tem o movimento por consequência (Mach 1987[1883], p. 81)’. Ou seja, o conceito de força é, também para ele, apenas uma convenção, um princípio causal admitido, ainda que não se saiba dizer o que ele é exatamente. Mach afirma: ‘Nós podemos caracterizar com o nome de *mitologia da natureza* esta ciência do início, com seus elementos fantasistas [terra, fogo, ar e água]. Depois, a mitologia da natureza, animista e demoníaca, foi substituída, pouco a pouco, por uma mitologia das substâncias e das forças, uma mitologia mecânica e automática e, por fim, por uma mitologia dinâmica’ (1922 [1905], p. 113). Freud, por sua vez, refere-se à teoria das pulsões como uma mitologia, não apenas nas *Novas conferências introdutórias*, mas também na sua carta a Einstein: ‘Talvez você tenha a impressão de que nossas teorias são um tipo de mitologia, no caso presente uma mitologia que nem mesmo é agradável. Mas toda ciência da natureza não volta a tal tipo de mitologia? Acontece, hoje, de maneira diferente para você, na física?’ (1933b, p. 211). Mach também já foi apontado como um elo significativo entre Einstein e Freud, e essa referência à mitologia do ponto de vista dinâmico, com a correspondente especulação sobre o que representa o conceito de força, seja ela psíquica ou física, apenas reitera a interpretação de que Freud está se apoiando em Mach quando fala das pulsões como seres míticos”. Deve-se contrapor a isso a referência estabelecida por nós na *Introdução* a respeito do modelo schopenhaueriano de pesquisador empírico.

As pulsões orgânicas conservadoras teriam assimilado cada uma das modificações impostas no percurso da vida dos organismos e as preservadas para repetição. É por isso que elas nos dão a enganosa impressão de serem forças que anseiam por transformação e o progresso, quando, na verdade, continuam a buscar seu antigo objetivo (*Ziel*), e parta tal seguem tanto por caminhos antigos quanto por novos desvios. Não é difícil apontar o objetivo final dessa existência orgânica. Se o objetivo da vida fosse chegar a um estado nunca alcançado anteriormente, isto estaria em frontal contradição com a natureza conservadora das pulsões (*konservativen Natur der Triebe*). Portanto, esse objetivo deve ser muito mais o de alcançar um estado antigo, um estado inicial, o qual algum dia o ser vivo deixou para trás e ao qual deseja retornar mesmo tendo de passar por todos os desvios tortuosos do desenvolvimento. Se pudermos admitir como um fato sem exceção que todo ser vivo morre, ou seja, retorna ao estado inorgânico devido a razões *internas*, então podemos dizer que: *O objetivo (Ziel) de toda vida é a morte, e remontando ao passado: O inanimado já existia antes do vivo*. As propriedades da vida devem ter sido despertadas na matéria inanimada por uma ação de forças que ainda não conseguimos imaginar²⁸.

Conclui-se dessa passagem que todo impulso é conservador, isto é, tende a repetir estados anteriores corporificados na própria história do organismo e, antes disso, nos antecedentes filogenéticos daquela linhagem de organismos. Dada essa natureza conservadora dos impulsos de vida, vemos que eles, de um modo paradoxal, estão curiosamente pareados aos impulsos de morte. Se estes buscam a morte diretamente, aqueles lidam com o problema da vida, tentando conduzir o organismo ao estado inorgânico apenas após os longos rodeios da existência individual, evitando a morte que não é própria ao ciclo orgânico.

Além disso, percebe-se que o conservadorismo orgânico dos impulsos apresenta uma atividade compulsiva de repetição. Ela é considerada, nesse ponto da obra, mais originária que o princípio de prazer, pois a repetição é considerada o pressuposto do prazer da inércia e busca o retorno à morte; esta não é considerada como um destino, mas como um estado prévio à própria vida:

O impulso de conservação, que reconhecemos em todo ser vivente, acha-se em curiosa contradição com a hipótese de que toda a vida dos impulsos serve para levar o ser vivente à morte. A importância teórica dos impulsos de conservação e poder se faz menor se vista sob essa luz; são impulsos parciais, destinados a assegurar ao organismo seu peculiar caminho até a morte e a manter afastadas todas as possibilidades não imanentes de retorno ao inorgânico. Assim, a misteriosa e inexplicável tendência do

²⁸ FREUD, *Impulsos e Destinos de Impulso*, 247-8.

organismo a afirmar-se contra o mundo inteiro desaparece, e só resta o fato de que o organismo não quer morrer senão à sua maneira. Também esses guardiões da vida foram originalmente serviçais da morte²⁹.

Chama a atenção de Freud que o organismo se rebele energicamente contra perigos que talvez ajudassem a determinar um caminho mais curto para alcançar sua finalidade de retorno ao inorgânico. A pergunta que se impõe ao psicanalista é: não é exatamente essa conduta paradoxal³⁰ o que melhor caracteriza a vida dos impulsos em contraposição às tendências inteligentes, já que aqueles seguem obstinadamente uma tendência, enquanto que a reflexão inteligente poderia ajudar-nos a morrer e acabar com os rodeios e com o sofrimento existencial? Poderia ser assim, mas a existência de impulsos sexuais e, especialmente, das células germinativas³¹ que transmitem a herança dos organismos complexos, exigem a consideração de tendências opostas à morte, sugerindo um combate de forças antagônicas elementares.

Mesmo que alguém resolva, no âmbito da reflexão individual, matar-se ou não ter filhos, o que importa, nesse contexto, é a decisão tomada continuamente pelo conjunto da humanidade, que ao final, preserva um tipo de imortalidade no âmbito coletivo. Não há como negar o solo schopenhaueriano em que se fundam essas reflexões, ainda que as mesmas sigam as trilhas da clínica freudiana.

Em 1920, Freud considera o corpo humano como uma reunião de organismos elementares, que não percorrem caminhos idênticos ao do organismo complexo que ajudam a compor. Para o psicanalista vienense, as células sexuais provavelmente “conservam a estrutura primitiva da matéria viva”³². Colocadas em condições favoráveis se desenvolvem, repetindo o mecanismo ao qual devem sua existência, retomando a história evolutiva desde o seu princípio: “Desse modo, essas células germinativas se opõem à morte da substância viva e sabem conseguir para ela aquilo que nos parece uma imortalidade potencial, ainda que, quem sabe, não signifique mais do que um prolongamento do caminho até a morte”³³.

Repare-se na ênfase final da sentença, na qual o autor recoloca a morte como fim e princípio, apesar da vida da espécie. Também a própria espécie faz parte de algo maior, que é a própria vida orgânica e, além dela, a vida em geral e o inorgânico. A vida da espécie parece ser a vida em sentido próprio, a verdadeira tendência que combate a morte, enquanto que a vida individual funciona sob o signo dessa morte, apesar dos impulsos sexuais, que têm praticamente o papel de servir à espécie através de uma ilusão de finalidade individual:

²⁹ FREUD, *Impulso e Destinos de Impulso*, 249.

³⁰ *Idem*.

³¹ *Idem*.

³² *Idem*.

³³ FREUD, *Impulso e Destinos de Impulso*, 249.

Os impulsos [*die Triebe*] que cuidam dos destinos desses organismos elementares sobreviventes ao ser unitário, procurando para eles um refúgio em todo o tempo em que permanecem indefesos contra as excitações do mundo exterior e facilitando o seu encontro com as outras células germinativas, constituem o grupo dos impulsos sexuais [*Sexualtriebe*] São conservadores no mesmo sentido que os outros, dado que reproduzem estados anteriores da substância animada [*lebenden Substanz*], mas o são em mais alto grau, pois se mostram mais resistentes contra as atuações exteriores e, ademais, em seu mais amplo sentido, pois conservam a vida mesma por mais tempo. Eles são os verdadeiros impulsos de vida [*Lebenstriebe*]³⁴.

No trecho citado, Freud recoloca a questão da vida na perspectiva da espécie e apenas secundariamente do ponto de vista do indivíduo. É por isso que os impulsos sexuais aparecem à consciência como tão ilógicos e perigosos.

Conclui-se que a função conservadora do intelecto, longe de servir ao indivíduo, serve à vida e à morte que são próprias ao organismo como membro de alguma coisa perene; a vida orgânica rearticula-se sempre enquanto vida da espécie, e, antes disso, como tributária da vida em seus graus mais básicos, que estão no próprio organismo como um verdadeiro conjunto articulado de unidades menores que, ao fim, reproduzem toda a história filogenética do organismo. Essa história não é uma hierarquia evolutiva no sentido estrito, posto que os organismos apresentem, além das tendências evolutivas, outras regressivas³⁵, no sentido da “escada” lamarckista. Ambas surgem sob o estímulo de excitações exteriores, como adaptação, enquanto que o papel dos impulsos é fixar esse movimento como fonte de prazer, isto é, como máxima ausência de estimulação³⁶. A negatividade do prazer, encarado como ausência de desprazer, é uma marca da teoria pulsional freudiana desde seus começos, que é homóloga à teoria schopenhaueriana das pulsões.

Do ponto de vista fisiológico, em oposição à possibilidade do prazer psíquico, o impulso circula num ciclo que começa pela produção glandular de cargas de estímulos hormonais que desencadeiam atividade neuronal, culminando no acúmulo ou sobrecarga de estímulos e desencadeia a ação neuromotora de descarga na efetividade. Mesmo nos contextos onde tal ciclo de funcionamento contraria os interesses biológicos da espécie,

³⁴ FREUD, *Impulso e Destinos de Impulso*, 250.

³⁵ O paralelo entre organismo e psiquismo em Freud se mostra também nas tendências regressivas da libido, que pode se manifestar na vida adulta como fixação em fases evolutivas primitivas ligadas à “sexualidade infantil” (pré-genital), como por exemplo, no caso das perversões. Nos *Três Ensaios sobre a sexualidade* (1905), Freud escreve que “a extraordinária difusão das perversões nos impõe a hipótese de que a disposição às mesmas não é uma exceção, mas que é parte da constituição considerada normal”.

³⁶ FREUD, *Além do princípio de Prazer*, 251.

ou, por outro lado, vai contra o bem-estar do indivíduo, o sistema de impulsos segue incólume, produzindo cargas e descarregando.

Tomada isoladamente, a fisiologia do impulso é uma máquina arbitrária que produz e descarrega perenemente, sem saciedade possível. O raciocínio de Freud foi o de que seria preciso perceber o funcionamento simultâneo, complementar, ou às vezes contraditório da fisiologia com as outras dimensões da vida do impulso para só então articular o seu sentido lógico e a sua previsibilidade como uma espécie de *economia* psíquica (sempre metáforas de outras metáforas), integrando, na medida do possível, essas diversas dimensões à teoria e prática clínicas.

Nesse sentido, tornou-se fundamental para Freud estudar o impulso não apenas em sua dimensão psíquica enquanto desejos, representações e afetos, mas também do ponto de vista fisiológico, através de hipóteses químicas, energéticas, neuroanatômicas, bem como filogenéticas, inspiradas em Lamarck e Schopenhauer. Nesse sentido, Freud como que reduz a noção schopenhaueriana de tipologia, baseada no conceito de “Ideia platônica”, a uma busca, verdadeiramente correlata, muito embora assumidamente hipotética, dos impulsos fundamentais que animam a matéria, ainda que tal busca denuncie uma necessidade um tanto hegeliana, e, portanto, antischopenhaueriana, de manter contrastes na base da articulação teórica a partir de dualismos, o que certamente não seria aplaudido pelo filósofo de Danzig.

Freud, na verdade, caminha sobre o gelo fino das incertezas e a sua relativa oscilação em relação aos seus dualismos, fome e amor, vida e morte, refere-se ao fato de suprema importância no âmbito da teoria ou teorias da Psicanálise, de que a “jovem ciência” busca revelar essencialmente o “como” dos assuntos psicológicos, evitando, no mais das vezes, dizer o “o que” deles, ou seja, evitando, na medida do possível, o movimento especulativo do filósofo, e, nesse sentido, pareceu-lhe mais proveitoso permanecer no âmbito do conflito trágico, existencial, dinâmico, entre tendências opostas. No entanto, acaba fazendo o que faz Schopenhauer, que é justamente tentar articular ao fundo da experiência algo que dela não depende, mas, sim, a engendra, ou seja, o paradoxo de um impulso fundamental, originário, um impulso à morte. Tal modo de articulação de Freud revela também, por outro lado, como o próprio Freud admite em “Além do Princípio de Prazer”, uma necessidade especulativa mais profunda, de entender não apenas a dinâmica pulsional, mas também aquilo que se articula ao fundo dessa dinâmica e, nesse sentido, encontra a tendência de *retorno ao inorgânico*, o privilégio do primeiro ocupante. Isso nos conduz ao terreno da especulação filosófica mais profunda acerca da vida e de uma possível entropia ao fundo de todo o processo, que nos conduziria a dois resultados possíveis, um de caráter teleológico, no sentido histórico, e outro de caráter intemporal, cíclico.

De um ponto de vista teleológico, o alvo da vida seria a morte. E não se fala aqui da morte individual, mas, se considerarmos a sério essa hipótese, a vida poderia ser entendida

como uma simples forma de resistência à tendência à desordem e de exaustão dos recursos energéticos que acomete o mundo físico, tal como sustenta a segunda lei da termodinâmica. Nesse sentido, o impulso mais recente, o impulso à vida, trazido à luz por forças inimagináveis, seria meramente um volteio inútil, cuja significação seria fazer e manter por tempo determinado a oposição à indiferença e à inércia. No entanto, tal esforço é irracional e cego, ainda que no âmbito humano o questionamento sobre o valor da vida e do significado da existência se faça presente. Toda a normatividade da vida se daria no âmbito dessa perturbação inútil da ditosa paz do nada, como nos diria jocosamente Schopenhauer.

Do segundo ponto de vista, o cíclico, dado em um âmbito mais próximo, o aspecto processual da existência, teríamos que considerar uma metafísica da natureza na qual tanto há vida quanto há morte. Ao final dos ciclos vitais, Sua Majestade, a Morte, recuperaria os seus direitos. Isso se chama retomar o privilégio de primeiro ocupante, como foi dito, isto é, o inorgânico retomaria as rédeas do processo dada a ordem básica à qual se submetem todos os processos vitais, resultando em morte. Na verdade, o inorgânico seria então um estado originário, a partir do qual se iniciaria o circuito, depois disso perpetuado através dos ciclos perenes entre vida e morte no âmbito da natureza. Apenas ocorre que a morte é relativa, pois a vida persevera através da reprodução, e, uma vez iniciado o processo, ele não teria mais nem fim nem começo, pelo que a vida se oporia à entropia crescente, e, sob a marca de uma tal condição, os seres vivos se veriam diante da necessidade inconsciente de resistir à morte e à entropia do mundo físico através do estratagema da renovação da vida por meio da reprodução, que poderíamos entender como uma imortalidade potencial no âmbito da Humanidade e não a partir da simples individualidade, que fica sim submetida à transitoriedade e à finitude, ainda que o ser humano novamente se rebele contra esse desígnio físico da natureza e conceba formas de conceder a si mesmo, não se sabe a que preço, por meio da tecnologia, um horizonte perene, no qual a morte não se mostre mais inevitável.

Esta segunda ordem, a cíclica, estaria estabelecida no funcionamento da natureza como a conhecemos, mas permanece sob a tensão ocasionada pela primeira, mais originária, pois a própria natureza terrestre teria que se submeter à entropia e, ao final, após ciclos e ciclos de perenidade, inevitavelmente, tudo se resfriaria e o Planeta cumpriria o seu destino inevitável rumo ao inorgânico e a vida, assim, pagaria seu pesado tributo ao inorgânico, à morte definitiva sem outros ciclos vitais e sem pesar ou arrependimento, apenas a pura e simples aniquilação de tudo o que existe ou tenha existido sob o monismo do impulso mais originário.

Desse modo, percebe-se que há ao fundo das concepções freudianas, o sem fundo dessa transitoriedade que ruma inevitavelmente para o nada, esse inconcebível nada que é o ponto cego da própria existência e em torno do qual toda a vida se agita, em frêmitos, em intensidades luminosas e quedas vertiginosas, para novamente se agitar e celebrar,

continuamente existindo e desistindo em proveito da própria renovação natural por novos e velhos meios. Se podemos considerar a partir de Freud que é bem verdade que as oposições entre sexualidade e conservação e entre vida e morte possam ser observadas do ponto de vista de uma história natural dos organismos, também pode ser observado, numa contradição apenas aparente, que ao fundo de todo esse alarido, o incomensurável e inconcebível nada nos espreita, acenando com a terrível paz do seu repouso gélido e absoluto.

É nesse sentido que o monismo inercial do inorgânico de algum modo se aloja inevitavelmente ao fundo dos dualismos freudianos. Se isso já pode ser percebido no próprio movimento de reorganização e na oscilação da base teórica ao longo da obra do psicanalista, como foi visto nesse artigo, a própria filiação de Freud à ciência o leva a uma metafísica da morte, em um primeiro movimento, considerando os ciclos que têm ao fundo o retorno ao inorgânico, mas dentro dos quais a vida se rebela contra o seu destino inefável e novamente se agita, sempre e sempre, através da renovação e, no caso humano, da reprodução; em um segundo e derradeiro movimento, tudo isso está, teleologicamente ligado, vinculado, ao inevitável movimento entrópico de tudo o que existe no contexto da existência para alcançar o estado definitivo, isto é, a inércia absoluta, quiçá o resfriamento do Planeta e do próprio Universo, com seus bilhões de Galáxias, nas quais talvez tanta vida possa ainda existir depois que na Terra ela venha a se apagar. Em Freud não há consolo metafísico, pois nele o querer-viver é uma modificação do inorgânico. E apesar dos ciclos entre vida e morte, o nada definitivo espreita a totalidade do mundo físico, portanto, do biológico também. Metodologicamente, já que Freud é um materialista, isto é, fundamenta a vida na matéria, como uma modificação desta, e não admite nada que lhe seja anterior, nos sentidos histórico ou lógico, ficamos à mercê da normatividade possível ao fundo das quais a norma maior e inevitável é, até prova em contrário, aquela que nos remeteria à entropia e ao inconcebível nada absoluto.

Referências

ANDREAS-SALOMÉ, L.; FREUD, S. *Correspondência completa*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

ASSOUN, P.L. *Freud, la Philosophie et les Philosophes*. Paris: PUF, 2005.

ASSOUN, P.L. *Freud, a filosofia e os filósofos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

CACCIOLA, M. L. *Schopenhauer e a questão do dogmatismo*. São Paulo: EDUSP, 1994.

CHEMAMA, R.; VANDERMERSCH, B. *Dicionário de Psicanálise*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2007.

FREUD, S. Impulso e Destinos de Impulso. In: Freud, S. *Studienausgabe*, 3. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1975.

FREUD, S. O Eu e o Isso. In: Freud, S. *Studienausgabe*, 3. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1975.

FREUD, S. Além do Princípio de Prazer. In: Freud, S. *Studienausgabe*, 3. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1975.

FREUD, S. Três Ensaio para uma Teoria sexual. In: Freud, S. *Studienausgabe*, 3. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1975.

FREUD, S. *Obras Completas de Sigmund Freud* (trad. Ballesteros), 3 vols. Madrid: Biblioteca Nueva, 1996. As referências a essa edição são indicadas pelas iniciais *BN*, seguidas do número do volume em algarismos romanos e do número da página em algarismos arábicos.

FULGENCIO, Leopoldo. Kant e as especulações metapsicológicas em Freud. In: *Revista Natureza Humana*, v. 5, n. 1, p. 129-173, 2003.

LACAN, J. A instância da letra no inconsciente. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LAPLANCHE, J. *O Inconsciente e o Id*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LAPLANCHE, J. e PONTALIS J. B. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

MEZAN, R. *Freud: A trama dos conceitos*. São Paulo: Perspectiva, 2006.